



Jovem agricultora desenvolvendo agroecologia no Povoado Barro Vermelho, Nossa Senhora de Lourdes/SE

*Young farmer developing agroecology in the Barro Vermelho Village, Nossa Senhora
de Lourdes / SE*

ANDRADE, Alba Rafaela^{1,2}; LIMA, Carolina Teixeira^{1,3}; VIEIRA, Iasmim Araújo^{1,4};
SANTANA, Maria Verônica^{1,5}; ANDRADE, Renata^{1,6}.

²alba.rafaeladeandrade@gmail.com, ³

Eixo Temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia

Apresentação

Sou Alba Rafaela de Andrade tenho, 35 anos sou agricultora militante feminista pelo Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste (MMTR-NE) com graduação em agroecologia pelo Instituto Federal de Sergipe Campus São Cristóvão.

Contextualização da experiência

O presente trabalho relata a experiência agroecológica desenvolvida no povoado Barro Vermelho, localizado a 15 km do rio São Francisco, município de Nossa Senhora de Lourdes, alto Sertão sergipano. A cidade está localizada a 135 km da capital do estado, Aracaju, e estima-se uma população de 6.238 habitantes dados do IBGE. Também é de característica da região o bioma da caatinga, clima tropical, com solos argissolos, arenosos e pedregosos. Com relação a sua base econômica na agropecuária, encontramos vasta criação de gado leiteiro e, nos últimos anos, a intensificação da monocultura do milho.

Em meio a este cenário, essa experiência foi desenvolvida na propriedade denominada Sítio Cajarana, propriedade em que reside minha família, que nasci e que vivo até hoje. Iniciamos os primeiros passos de nossa experiência agroecológica a partir da minha participação no Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste (MMTR-NE). É importante destacar que o MMTR-NE é uma organização de mulheres rurais que atua nos nove estados do Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe) desde 1986. Atualmente, sua sede administrativa fica na cidade de Caruaru, Pernambuco, e sua estruturação enquanto Movimento está baseada na auto-organização de mulheres em grupos de base nas comunidades, municípios e estados. Com isto, nos articulamos enquanto movimento social para pensar em estratégias conjuntas que considere nossa grande diversidade de atividades e organização política.

Sendo assim, nosso trabalho tem como objetivo mostrar a produção que desenvolvemos através da implantação de uma pequena horta nos moldes de uma agricultura baseada nos princípios da sustentabilidade através das práticas agroecológicas.



Desenvolvimento da experiência

Agricultora e feminista. É assim que me defino. Sempre tive a vida ligada ao campo, foi onde nasci e me tornei quem sou. Esta mesma realidade não me impediu de estudar, pois busco sempre ir mais além. A academia foi um dos lugares que cheguei, para poder ter um futuro melhor e ajudar a minha família. Hoje me orgulho dessa conquista, pois com a minha formação em agroecologia pelo Instituto Federal de Sergipe, pude provar que é possível viver no campo e estudar fora, indo na contramão dos discursos que dizem que o campo está fadado ao desaparecimento.

Minha mãe, dona Helena, sempre teve o hábito de plantar algumas variedades de hortaliças como cebolinhas, coentro, pimentão, além de plantas medicinais como hortelã, boldo, alecrim e arruda. Tudo cultivado em pequenas quantidades e em vasilhas (baldes velhos). Ainda que isto por si só já demarque o hábito que mulheres rurais possuem e que é ancestral. A diversidade que hoje marca o quintal da nossa família só cresce e descobrimos que muito mais seria possível.

Quando comecei a ter essa preocupação, de ampliar a diversidade da nossa produção, foi no momento em que passei a me envolver com coletivos e organizações políticas. Por exemplo, a minha participação nos encontros da Articulação do Semi-Árido (ASA) foi determinante, pois lá pude conhecer outras mulheres que já estavam organizadas em movimentos feministas. Daí surge o primeiro convite para estar na assembleia estadual do Movimento da Mulher Trabalhadora Rural de Sergipe, em 2010.

Já inserida nesta rede feminista rural, pude conhecer histórias de mulheres em que a trajetória se assemelhava a minha. E pude também, perceber através de formações que participei, o poder que as produções diversificadas possuem. Em uma dessas formações, no Centro Feminista 8 de março- CF8, o tema foi os quintais produtivos das mulheres. Eu era a única das participantes que não tinha o quintal com tamanha diversidade. Estar com essas mulheres me estimulou. De alguma forma, levei este estímulo para a minha família e em conjunto começamos a trabalhar em nosso quintal para transformá-lo em agroecológico, com hortaliças e frutas diversificadas. Desta forma começamos o trabalho, eu, Dona Helena (mãe) e minhas irmãs Renata e Rosimeire.

No começo fiz um cercado para afastar as galinhas e nesse cercado de tela começamos a produzir alface, coentro, cenoura, tomate, pimentão, cebolinha, salsinhas, couve e manjeriço. Motivada pelo sucesso, resolvemos aumentar mais e mais essa produção, agora pensando com a consciência da produção orgânica para a segurança alimentar da nossa família. Assim fomos afirmando a convicção nesse modelo de produção sustentável.

Hoje afirmamos que nossa experiência é de sucesso; para a nossa relação enquanto família, porque trabalhamos coletivamente, para a nossa saúde, pois não consumimos



veneno e para o meio ambiente, não o destruimos. Ainda que a nossa persistência e convicção garanta todos esses resultados, não podemos dizer que não há desafios, relataremos abaixo.

Desafio

Nosso maior desafio é conviver com a escassez de água nessa região para a produção. A água da cisterna que temos é suficiente apenas para o consumo humano. Na época da seca nossa produção torna-se reduzida e, infelizmente, chegamos até a perder algumas hortaliças. Em nossa região só chove de maio a outubro. Para iniciar esse modelo de cultivo agroecológico, justamente por exigir uma transição, é como se começássemos do zero.

Outro grande desafio é incentivar novas famílias da comunidade a produzir neste modelo de cultivo; limpo e sustentável. Respeitando sem agredir o meio ambiente e fazendo a interação desses ambiente, para que homens e mulheres possam ver dentro desse modelo uma forma de produzir com cuidado com a família e com a terra. Por fim, com a chegada da monocultura do milho na região está cada vez mais difícil de produzir nos princípios agroecológicos. Tal prática vem causando sérios prejuízos, como desmatamento da caatinga, o uso indiscriminado dos agrotóxicos, solos expostos sem cobertura vegetal, o que provocando erosão laminar e perda da fauna edáfica do solo.

Principais resultados alcançados

Em um ano pude aumentar a área de produção construindo um quintal maior para plantação de frutíferas. Com laranjeiras, mamão, graviola, pinha e maracujá. E assim, enquanto uma jovem agricultora que sou, fui aumentando e diversificando cada vez mais a minha produção. Passando a comercializar para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) contribuindo de forma econômica, para o complemento da renda familiar.

Disseminação da experiência

Mesmo que seja difícil convencer outras famílias a construir novos hábitos, neste caso a produzir agroecologicamente, já observamos que algumas pessoas passaram a seguir nosso exemplo. Após perceber algumas preocupações que passamos a ter com a monocultura afetando o desenvolvimento nos moldes da agroecologia.

A formação com o Centro Feminista 8 de Março (CF8) contribui na minha caminhada para vivência com a agroecologia eu era a única mulher que tinha terra suficiente mais não produzia hortaliças apenas culturas anuais como milho, feijão, mandioca e palma para ração animal. E foi a partir dessa formação que tudo começou. No começo a horta era pequena mais suficiente para o nosso consumo isso foi o bastante para me sentir orgulhosa do meu trabalho assim descobrir que além de produzir alimentos saudáveis estava contribuindo com uma agricultura mais limpa. E isso fez com que a



minha irmã, minha tia e alguns vizinhos, também comessem a fazer agroecologia; uma coisa que todos faziam, só não sabia que se chamava produção agroecológica. A produção não era grande, mas era o suficiente para o nosso consumo e ainda doar para os parentes e amigos. Lembro bem que no inverno, a minha mãe plantava cebola roxa, coentro e cebolinha, abobora, quiabo, cana de angola milho e feijão em uma mesma área, além de guardar as sementes para plantar no ano seguinte. Hoje eu me orgulho em dizer a importância da agricultura para mim e minha família. Com isso descobri a importância que temos dentro da agricultura enquanto mulher, enquanto família. E essa prática resgatada dentro da comunidade tornou-se algo de bom, pois as famílias começaram a descobrir a importância de uma alimentação sem veneno. O feminismo me ajudou a respeitar mais o meio ambiente, não sentir vergonha em dizer que eu sou de onde venho, das minhas raízes. Hoje eu posso dizer que sou uma agricultora feminista com vontade de fazer mudanças no campo, para que outras mulheres possam ser capazes de viver no campo, produzir não só para o seu consumo, mas para que elas possam ter a sua própria autonomia. Com a agroecologia eu pude descobrir que as mulheres são capazes de produzir o seu próprio alimento respeitando a natureza sem causar impacto através das práticas agroecológica e descobrindo que somos parte importante de uma agricultura sustentável. A agricultura foi descoberta pelas mulheres, e hoje somos nós que fazemos com maior protagonismo agroecologia, respeitando a natureza valorizando o saber popular.

Apreendi que nós mulheres temos a capacidade de produzir o nosso próprio alimento, sem prejudicar o meio ambiente, construindo autonomia e enfrentando a violência nossa de cada dia. Mesmo assim, somos capazes de lutar por um mundo melhor onde possamos viver em perfeita harmonia com a natureza, onde possamos ter a oportunidade de viver em uma sociedade em que o preconceito não seja uma barreira que nos impeça de ir mais além na luta por direitos iguais entre homens e mulheres.